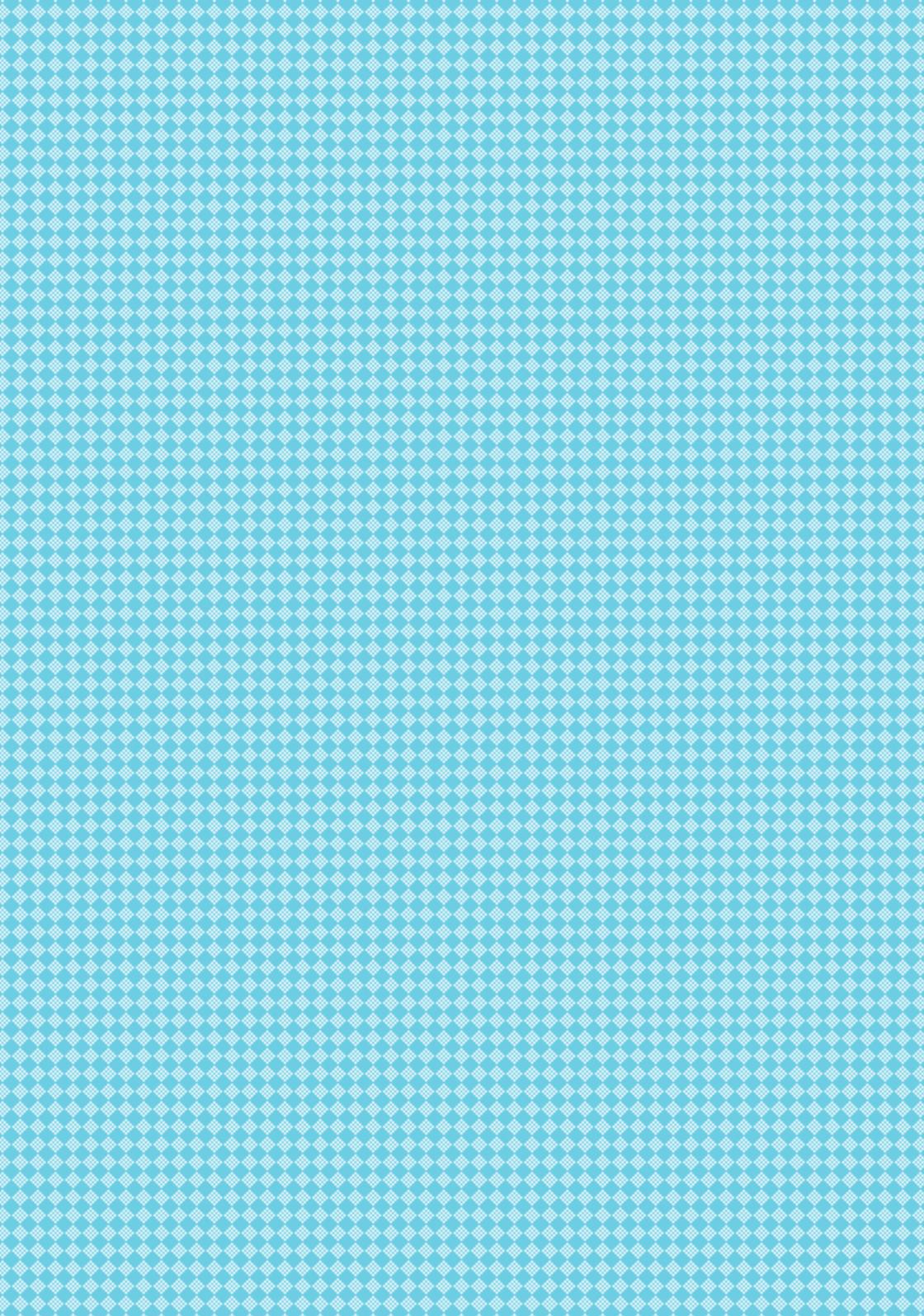


An aerial photograph of a densely packed favela, showing a complex arrangement of multi-story brick and concrete buildings built on a hillside. The buildings are tightly packed, with many balconies and laundry hanging from lines. The colors of the buildings vary, including red brick, white, grey, and some brighter colors like blue and green. A large, dark green tree is visible on the left side. In the upper left, a few white cars are parked on a road. The overall scene is one of intense urban density.

AS FAVELAS
NOS DIAS DE
HOJE



Em paralelo ao sucesso mundial do Programa Favela-Bairro, outro tipo de intervenções vão sendo realizadas na actualidade, cometendo semelhantes erros aos já verificados no passado, nomeadamente com a experiência dos conjuntos habitacionais periféricos.

O grande problema destas intervenções é basearem-se na falsa convenção de que a habitação popular deve ser uma simplificação barata dos padrões residenciais da classe média, o que demonstra uma ignorância relativamente aos conceitos da população favelada, no que concerne à ideia de casa.

Um exemplo disso é o conjunto habitacional Nova Sepetiba:

“Fica num descampado de Sepetiba, lugarejo com 28 mil habitantes na Zona Oeste. Ali, o governador ergue o que diz ser o maior conjunto habitacional da América Latina. Chama-se Nova Sepetiba e terá 10 mil casas populares, que podem abrigar 40 mil pessoas. Quando ficar pronto, a população da sossegada Sepetiba, onde não há delegacia e o único posto policial é guardado por quatro policiais militares, terá crescido 142,8%” (*O Globo*, Edição 98, 3/4/2000).

O caso é tão flagrante que as cenas iniciais do filme *Cidade de Deus*, simulando os anos 60, são filmadas lá. Passadas décadas, repete-se a mesma política habitacional, os mesmos modelos autoritários e deparamo-nos com os mesmos problemas: quando centenas de moradores se mudaram, os conjuntos habitacionais estavam servidos por arruamentos e infra-estruturas precárias, sem qualquer tipo de equipamentos de apoio ou de segurança, num terreno longínquo (a mais de 30 quilómetros da Barra da Tijuca) e sujeito a inundações.

O afastamento destas populações da cidade e a sua concentração em bairros ditos sociais, são o primeiro passo para a formação de autênticos guetos, mais propícios à marginalidade e à constituição de gangs, e grupos que espelham no seu seio a exclusão social. Ao invés da promoção da sua integração na urbe e do reconhecimento desta enquanto súpula da diversidade cultural e social, o Poder apenas providencia a expulsão destas camadas, apartando-as dos seus direitos cívicos e consolidando, cada vez mais, o apartheid social, engrossando as barreiras da “cidade partida”.³⁵

De facto, “as acções do Estado (...) em sua maioria, caracterizam-se pela ignorância ou desprezo às estratégias criativas, complexas e heterogéneas efectivadas pelos moradores na corrida pela melhoria da qualidade de vida. Essas acções desconhecem as redes de sociabilidade, de circulação no conjunto da cidade, de participação na vida pública e, finalmente, de interpretação das vivências produzidas pelos moradores ao longo do tempo. Na linguagem académica, se poderia dizer que eles permanecem, em geral, na condição de *objectos* dos responsáveis pelas intervenções. A consequência disso vem sendo a reprodução do estigma das comunidades faveladas e de seus habitantes” (SILVA e BARBOSA, 2005, 65).

³⁵ *Cidade Partida* é o título de um conhecido livro de Zuenir Ventura, no qual é descrita a comunidade de Vigário Geral, meses após a violenta chacina, que matou 21 pessoas em 1993, resultante dos conflitos entre traficantes e polícia.



93 e 94. Nova Sepetiba, nos confins da Zona Oeste do Rio de Janeiro

96

Deste modo, e falando especificamente de favelas, muitos são os parâmetros obrigatórios a ter em conta, e que nada têm que ver com os paradigmas arquitectónicos 'académicos' correntes. Trata-se de uma realidade distinta, com os seus específicos métodos de construção, pensamento e imaginário acerca do tema habitacional, e forma de o abordar. A casa possui outro sentido.

Um dos factores importantes é que a habitação não se resume aos padrões hegemónicos do uso exclusivamente residencial, cumprindo papéis muito mais vastos do que os de mera residência. Um deles está ligado às oportunidades de geração de renda, materializadas nos anexos e *puxadinhos*, que criam espaço para comércio: mercearias, bares, salões de beleza, açougues, padarias, oficinas e um sem fim de lojinhas variadas, estreitamente associadas à habitação. São pequenos negócios, de origem familiar, que se mantêm graças ao mercado local, constituído pela própria favela, e ajudam no equilíbrio do orçamento.

Complementando o *puxadinho* enquanto desenvolvimento horizontal da casa, está a laje, uma verdadeira "instituição nas casas pobres das cidades brasileiras" (VARELLA, BERTAZZO e JACQUES, 2002, 70), que expande a casa verticalmente. Isto acontece porque as famílias, além de serem maiores, precisam que as casas possam ser acrescentadas para futuras gerações, numa lógica de "património familiar extensivo" (SILVA e BARBOSA, 2005, 95). Quando há possibilidade *bate-se* uma nova laje, ou seja, constrói-se mais um piso, que tanto pode servir para redimensionar a casa, para alojar os filhos recém casados, para alugar ou, em última instância, para vender. Por outro lado, é fulcral a nível da sociabilidade popular. É nela que se fazem os churrascos e as feijoadas de domingo e todas as comemorações. Nela também se apanha sol sem se ter de pagar *ônibus* para ir à praia, estende-se a roupa e *prosa-se* com os vizinhos.



95 e 96. O puxadinho e a laje são duas instituições na casa da favela

Ou seja, há um processo construtivo distinto. Os barracos são construídos por partes, o que não garante uma homogeneidade formal, nem projectual. A obra vai seguindo consoante as possibilidades, principalmente financeiras, o que provoca uma imagem exterior gerada por constantes diferenças nos materiais, que são comprados por empreitada, ou no estabelecimento que melhor preço faça na altura. E, como normalmente as casas são ou ficam muitos anos em tijolo aparente, a diferença nota-se tijolo a tijolo, de várias marcas e de várias tonalidades. Vêem-se, inclusive, casas com parte de tijolo e parte de blocos de concreto, de madeira, de zinco... ou seja, materiais aproveitados e comprados em diversas fases da obra.

Sendo o crescimento condição inerente à casa da favela, há um dinamismo intrínseco, desde o primeiro pensamento sobre a casa, desde a colocação do primeiro tijolo, que o aparta imediatamente da realidade do *asfalto*. A casa é vista como um organismo vivo, que cresce em função do tempo, dos meios e das vontades dos seus donos-construtores. A partir do momento que melhores condições se reúnem, o barraco começa a ser renovado e

acrescentado. Não existe um projecto, isto é, nada fixo ou pré-estabelecido, tudo é fruto da ocasião, da necessidade, até do acaso. E a casa é pensada aquando da construção, *in locu* e *in situs*, ao sabor dos acontecimentos. Nem o atingir do topo na escala dos materiais de construção faz parar as obras. Remodelações, acrescentos, aperfeiçoamentos... a evolução é constante, poder-se-á dizer, eterna. As casas estão sempre inacabadas, o que afigura impossível uma cartografia da favela, tanto em planta como em alçado. Dá-se, então, uma inversão da prática projectual: se no caso dos arquitectos a planta vem primeiro que a obra, na favela a planta só poderá vir, quando vem, *a posteriori*, desenhada a partir do existente, da cidade real, e, mesmo assim, é momentânea. Numa arquitectura feita por arquitectos, tudo é diferente e inverso. A irrefutabilidade do projecto, de algo delineado à partida, embora com alterações possíveis, marca uma base definida e uma linha estruturadora de todo o processo. É através dele que o arquitecto concebe e domina o espaço, unindo-o como um todo, numa coerência geral, numa linha condutora e conceptual única. Quando não há projecto, não há forma pré-definida, logo, não há fim e a construção não termina.

Para que esta se processe, supera-se o amadorismo, as dificuldades topográficas e a precariedade das ferramentas. A construção dá-se em sistema de *mutirão*: o dono da casa junta-se com vizinhos e amigos e cada um ajuda consoante a sua especialidade (porque há sempre quem trabalhe na construção civil) e a sua experiência, proveniente de anteriores construções na favela. Deste modo, é um saber muito empírico, um conhecimento que se vai ganhando com a prática adquirida e, posteriormente, transmitido por boca, até de geração em geração. Assim se forma um manual de construção, uma base de sabedoria popular, constantemente em progresso.

Um dos ingredientes para o sucesso é muita imaginação e criatividade, bem como grande sentido de adaptação, captados directamente do provérbio “A necessidade aguça o engenho”. Os favelados são construtores inventivos natos, de tal forma que, desde peças substitutas, até métodos para poupar mão-de-obra, tudo é pensado com o intuito de contornar as vicissitudes e embaratecer a obra. Daqui vem uma expressão muito utilizada pelos brasileiros: *armengue*, do verbo *armengar*, significa isto mesmo: arranjar soluções que funcionam, embora com alguns requisitos e após vários ajustes, ou que funcionem, mas sem serem pensadas esteticamente. Enfim, “o *jeitinho* é a condição *sine qua non* para a construção de um barraco numa favela” (VARELLA, BERTAZZO e JACQUES, 2002, 52). No final da obra, é normal que haja uma comemoração, para a qual toda a favela é convidada. Por isto se pode falar em favela enquanto grande construção colectiva.

Além do processo construtivo, Jacques fala-nos também de outro ponto fundamental: a importância da rua como prolongamento da casa e a (in)definição entre espaços públicos e privados. Na favela, a rua é onde tudo se passa, criando um forte sentido de uso público do espaço.

“O tecido urbano da favela é maleável e flexível, é o percurso que determina os caminhos. Ao contrário da planificação urbana tradicional, que determina *a priori* o traçado, as ruas da favela (e todos os espaços públicos) são determinadas exclusivamente pelo uso. Uma diferença fundamental com a cidade planejada diz respeito à relação entre espaços públicos e privados: na favela esses espaços também estão inextricavelmente ligados. Durante o dia, as ruelas se tornam a continuação das casas, espaços semiprivados, enquanto a maioria das casas, com suas portas abertas, se transformam em espaços semipúblicos. A ideia da

favela como uma grande casa colectiva é frequente entre os moradores. As ruelas e becos são quase sempre extremamente estreitos e intrincados o que aumenta a sensação labiríntica e provoca uma grande proximidade física” (VARELLA, BERTAZZO e JACQUES, 2002, 54).



97. A rua da favela é o cenário onde tudo se passa

Saindo da micro escala para a escala da favela, é o conjunto dos barracos que cria as ruas, os becos, as vielas, as pracinhas, as escadarias, os largos... gerando um enorme dédalo formal, proveniente da inexistência de um plano também a esta escala. Os lotes também não são pré-divididos, sendo a apropriação que faz o lote e, por isso, são, também eles, todos diferentes. Na ausência de regulamentação, o aproveitamento máximo do terreno é princípio urbanístico universal. O resultado é o somatório de todos os barracos, que, já por si, são o conjunto das suas múltiplas partes, dos que se vão demolindo, dos que se vão erguendo, na mesma dinâmica que caracteriza a casa da favela.

Acrescendo a tudo isto, há que falar na falta de referências espaciais. Não há edifícios notáveis, através dos quais o nosso percurso possa ser orientado. Os grandes equipamentos são raros e restringem-se a campos de futebol, quadras de escola de samba, edifício da associação de moradores, algumas igrejas, um possível centro de saúde ou uma escola. A topografia acidentada da favela de morro, à qual tudo se molda, e a falta de planeamento urbano provocam a falta de eixos, de linearidades, portanto, a sucessão de visões fragmentadas que, com a falta de sinalização vertical, nomeadamente placas, fazem do labirinto-favela uma experiência na qual perder-se faz parte. Um estranho precisa, necessariamente, de um guia. Primeiramente, porque as ‘tropas’ do tráfico não recomendam aventuras, depois porque não há mapa ou descrição que possa conduzi-lo a casas que, por vezes, se situam em locais relativamente inacessíveis, para os quais se tem de percorrer, nos casos extremos, alguns quilómetros por meio de ruínas e ruelas, onde cada uma pode ser um beco sem saída. A surpresa é, por isso, constante, transformando qualquer percurso numa percepção espacial imprevisível e única.

É exactamente daqui que vem, segundo Jacques, o movimento corporal característico

Todas as características destes espaços levam a que qualquer percurso obrigue a um movimento e a um ritmo específicos, bem diferentes do que impõe um espaço formal. A sucessão de larguras das ruas, entre as mais ou menos largas e as apertadíssimas, os sucessivos “erros” (de dimensionamento, de alturas...), a diversidade de pés-direitos, de espaços, e o fluxo de pessoas a percorrê-los, geram um corpo-a-corpo, um roçar constante, e levam a um ziguezaguear, a um “passo que vira dança”, materialização viva da experiência física que é andar nestes espaços dançados ou gingados. As pessoas que os percorrem todos os dias aprendem a ginga e o seu corpo adapta-se aos obstáculos, às mudanças de declividade, de largura, de pavimento, ao sobe e desce permanente:

“Subir e descer o morro, percorrer becos estreitos e tortuosos, descer ladeiras escorregadias, passar por pontes instáveis, subir escadas extremamente íngremes, esses são alguns dos percursos quotidianos da maioria dos moradores” (VARELLA, BERTAZZO e JACQUES, 2002, 64) das favelas.

Em suma, são infindáveis as diferenças entre a arquitectura das favelas e a do *asfalto*. Porém, apesar de todas as divergências relatadas, que demonstram que arquitecto e favelado têm maneiras distintas de ver e de encarar a Arquitectura, suas funções e seus objectivos, ambos chegam a uma coerência formal, estrutural, metodológica, construtiva e conceptual, comprovando que as favelas são um exemplo, igualmente válido, e que o





100. A diversidade é infinita na experiência do labirinto-favela

método académico de conceber a Arquitectura é apenas uma das possibilidades, não a única, nem a melhor. As favelas, como forma arquitectónica que abrange milhões de pessoas, vêm-nos dizer que há que valorizar todas as formas de fazer Arquitectura, se a entendermos como a criação de espaço. Através delas somos obrigados a constatar que não existe a maneira ou o método, existem sim, no mundo, várias formas de a fazer e de a criar, e que cada realidade e cada contexto deve ser responsável pela criação da sua própria actuação arquitectónica. Porque, acima de tudo, a Arquitectura importa em todas as suas realidades paralelas, distintas, cada qual adaptada a um tempo e a um espaço.

Segundo Paola Berenstein Jacques, estudiosa convicta das questões relacionadas com a estética e a arquitectura das favelas, “além de fazer parte do nosso património cultural e artístico, as favelas se constituem através de um processo arquitectónico e urbanístico vernáculo singular, que não somente difere, ou é o próprio oposto, do dispositivo projectual tradicional da arquitectura e urbanismo eruditos, mas também compõe uma estética própria, uma estética das favelas, que é completamente diferente da estética da cidade dita formal e possui características peculiares” (JACQUES, 2001).

Por tudo isto, a autora lança-nos uma série de questões, centrais nos novos rumos da Arquitectura contemporânea:

“Porque não se assume de uma vez a estética das favelas sem as pequenas imposições estéticas, arquitectónicas e urbanísticas, dos actuais projectos de urbanização que acabam provocando a destruição da arquitectura e do tecido urbano original da favela para criar espaços impessoais (que muitas vezes não são apropriados pela população local, ficando rapidamente deteriorados e abandonados)? Por que o ‘Pattern’ bairro é sempre o exemplo a ser seguido em detrimento do inventivo e rico, tanto culturalmente quanto formalmente, ‘Pattern’ favela? Porque não tentar seguir o ‘Pattern’ Favela, tentando aprender com a sua complexidade e riqueza formal? Essa forma diferente de intervenção, inspirada nas favelas, poderia ser interessante para se actuar também na própria cidade formal (principalmente nos seus limites e fronteiras)” (JACQUES, 2001).

Vejamos, nos exemplos seguintes, como dois arquitectos contemporâneos actuam, hoje, tendo as favelas como objecto de intervenção, e como respondem às perguntas anteriores.

Penso que, para terminar esta síntese evolutiva geral das várias fases por que foram passando as favelas, falta ainda dar uma perspectiva do que se passa hoje, pelo mundo. Na impossibilidade de descrever todos os inúmeros arquitectos e ateliês que lidam, actualmente, com a habitação social, mais especificamente envolvidos com o tema favela, destaco dois nomes que me parecem incontornáveis, com dois modos de intervenção distintos: Alexandre Delijaicov e Alejandro Aravena.

São dois arquitectos que trabalham o objecto favela, na tentativa de solucionar dois pontos essenciais e distintos: enquanto Delijaicov centra o seu trabalho na construção de equipamentos e espaços públicos nas grandes favelas de São Paulo, áreas em que são francamente deficitárias; o chileno Aravena projecta “meias casas” para a população pobre, estimulando-a a completar a metade que falta. No entanto, têm em comum um enorme entendimento das realidades em causa, e as suas obras denunciam, tanto um grande respeito pelo local a intervir, como um conhecimento interessado em corrigir os erros do passado junto destas comunidades.

Alexandre Delijaicov resolve as carências cívicas das favelas paulistas com o seu projecto de arquitectura, a que denomina CEU (Centro Educacional Unificado).

Trata-se de uma grande intervenção no coração da favela, na qual as áreas construídas podem chegar aos 40 mil m² e o número de alunos pode ultrapassar os 2 400.

É pelo porte e pelo contraste que estes edifícios se ousam afirmar, numa envolvente sempre pobre e problemática. Abrem-se, sem pudor, para as mazelas do entorno, com as quais procuram gerar uma nova urbanidade, um espaço de sociabilidade que integre a comunidade na cidade, um novo conceito de referência espacial: no fundo, estamos perante a geração de um “monumento”.

Com um carácter relativamente modular e padronizado, o complexo é composto por elementos pré-moldados de concreto, e é capaz de se adaptar a vários tipos de terreno, encolhendo-se ou expandindo-se consoante os casos. Formalmente, o programa divide-se em três volumes diferentes: um grande paralelepípedo alongado, de três andares, que alberga as salas de aula, refeitórios, biblioteca, programa de inclusão digital, padaria-escola, áreas para exposições e para a convivência; um paralelepípedo, de cinco andares, que reúne teatro, ginásio e sala de ensaios musicais; e um edifício circular, elevado do solo, onde se encontra a creche. Além dos três edifícios, independentes e que se podem implantar relacionando-se entre si de variadas formas, cada CEU possui ainda três piscinas e diversas praças.

Segundo Delijaicov “o objectivo é, além de atender ao programa educacional, cultural, desportivo e recreativo, semear referenciais urbanos em regiões carentes”,³⁶ em zonas normalmente esquecidas pelo poder público e com grande necessidade de investimentos nestas áreas, pois “no meio desta cidade informal, faltam clareiras. Faltam lugares que simbolicamente a comunidade identifique como espaço público de encontro. A praça de equipamentos é uma construção do lugar” (*Público*, 23/11/2006).

Deste modo, Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza esperam que o seu novo conceito de arquitectura escolar pública, por aliar a presença de um equipamento público de qualidade a acções de implantação de infra-estrutura viária e de saneamento básico nas suas imediações, venha esboçar melhorias nestas comunidades, consideradas das mais pobres de São Paulo.

Aquando da sua vinda a Portugal para o 11º Congresso dos Arquitectos, em Almada, em Novembro de 2006, 21 destas escolas-parque já estavam construídas e outras 24 estavam em fase de construção.

³⁶ <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura428.asp>>



101. CEU Navegantes

102. CEU Peru



104

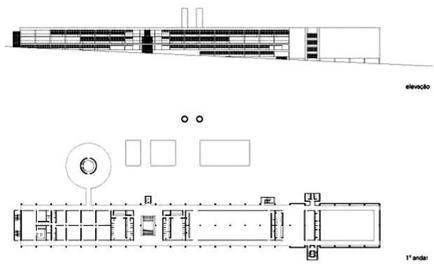


103. CEU Jambiro

104, 105 e 106. CEU Rosa da China



1 nascente
2 rua antônio de franco e alva



0 15 30 50m

ceu rosa da china

Alejandro Aravena faz parte da equipa de arquitectos do Programa Emental, que gira em torno da construção de projectos urbanos com impacto socializante, incluindo habitação social. Fazer “más con lo mismo” é um dos desafios.

Além de casas unifamiliares e de algumas universidades, Aravena está agora envolvido num ambicioso projecto, proposto à Emental pelo Governo chileno. É o próprio Aravena que o explica, numa entrevista cedida ao Jornal *Público*, aquando da VI Bienal Ibero-Americana de Arquitectura e Urbanismo 2008:

“O Governo do Chile pediu-nos para resolver a seguinte equação: instalar no centro da cidade de Iquique um grupo de 100 famílias que ocupavam ilegalmente um terreno, e para as quais nos últimos 30 anos não se tinha encontrado solução, utilizando um subsídio de cinco mil euros por família” (*Público P2, 29/04/ 2008, 6*).

Claro que o repto era complexo. Feitas as contas, a verba dava para construir aproximadamente 32m². Em vez de tentar construir a habitação possível com essa área, Aravena pensou o problema de outro modo, afinal, “el subsidio de vivienda será por lejos, la ayuda más importante que recibirán, por una única vez en la vida, por parte del estado; y es justamente ese subsidio el que debiera transformarse en un capital y la vivienda en un medio, que les permita a las familias superar la pobreza y no sólo protegerse de la intemperie.” Para isso, Aravena teve a preocupação de escolher “un conjunto de variables de diseño arquitectónico que permiten esperar que la vivienda se valorizará en el tiempo”.³⁷

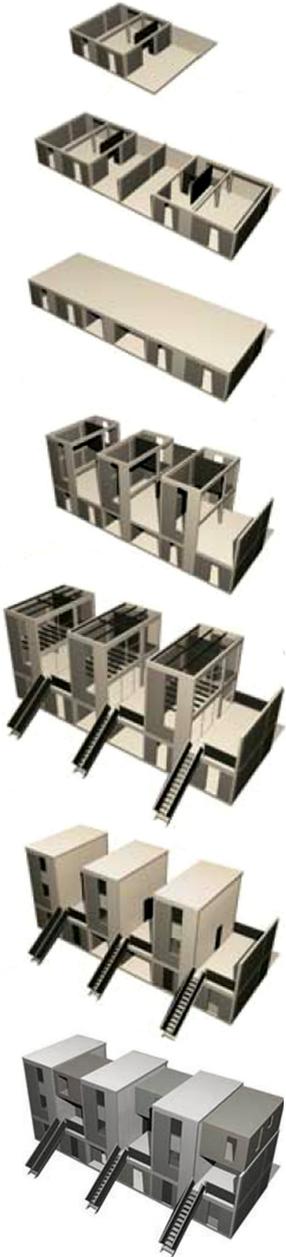
Sendo assim, havia que aproveitar o subsídio o melhor possível e fazer as coisas bem feitas: em vez de fazer com os 32 m² a melhor casa possível, tratava-se de fazer com eles as partes a que esta área correspondia. Ou seja, “quando os fundos públicos dão para metade de uma casa, a pergunta relevante é – que metade fazemos? A nossa resposta foi fazer aquela metade que uma família pobre dificilmente poderia fazer bem por sua conta.” Esta metade corresponde, logicamente, às divisões mais difíceis de executar: “casa de banho, cozinha, escadas e paredes contíguas – já preparadas para o estado final da casa, que será concluído quando a família tiver condições de construir a metade que falta.”

Nas imagens 107, 108, 109 e 110 encontra-se o projecto Quinta Monroy, em Iquique, em Dezembro de 2004 e em Junho de 2006.



107, 108, 109 e 110. Alejandro Aravena, Alfonso Montero, Tomás Cortese, Emilio De La Cerda, Andrés Iacobelli; Av. Pedro Prado – Iquique; 3 620 m², 2004 / 2006

³⁷ <<http://cfurrianca.wordpress.com/>>



Este projecto bebe directamente a filosofia das favelas no que respeita à ampliação possibilitada pela casa, ao mesmo tempo que se transforma numa alavanca no combate às desigualdades sociais, dando a esta população o direito a uma casa digna e regulada por padrões higiénicos de habitabilidade. O mais interessante é pensar como a casa se amplia para todos os lados, tirando partido do extraordinário potencial construtivo destas populações, que, como já foi dito, encaram a habitação como um elemento vivo, mutável e com carácter evolutivo. Por outro lado, é uma forma diferente e muito interessante de pensar a Arquitectura, que deixa de ser um produto acabado, para ser um resultado da escassez e da forma como esta pode ser, arquitectonicamente, trabalhada.

Da mesma forma que Turner, que Carlos Nelson e que Jáuregui, também Aravena vê na Arquitectura um meio, uma forma para vencer problemas sociais:

“Interessa-nos muito pouco o tema da linguagem. Aliás, não nos interessa a arquitectura. Só nos interessam problemas não arquitectónicos (como o desenvolvimento, a pobreza, a desigualdade) e a possibilidade de contribuir para os resolver com ferramentas específicas da arquitectura. O que procuramos é evitar pensar na arquitectura como algo em si mesmo” (*Público P2, 29/04/ 2008, 7*).

Segundo este modelo, Aravena e a sua equipa já desenharam 2 mil habitações em várias partes do Chile e preparam-se para começar a construir no México, na Colômbia e na Nigéria. “É preciso perceber”, diz Aravena, “que o mundo precisa de construir uma cidade de um milhão de habitantes por semana com cinco mil dólares por família nos próximos 20 anos para responder ao deficit habitacional. Estes desafios são globais, não são latino-americanos” (*Público P2, 29/04/ 2008, 7*).

E assim, a partir da filosofia segundo a qual “o uso eficiente de recursos escassos é o melhor antídoto contra a arbitrariedade”, Aravena abre uma nova porta no mundo da Arquitectura contemporânea.

